

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3  
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE  
Artigos

2016

# A EVASÃO NA EJA: Reflexões sobre sua implicação na emancipação dos indivíduos

**Autora:** Solange Rodrigues Tomim<sup>1</sup>

**Orientador:** Marco Antonio Batista Carvalho<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo descreve e analisa as experiências vivenciadas no período de realização do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE (2016/2017), realizado junto à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, promovido pela Secretaria de Estado de Educação – SEED/PR. Entre as experiências vivenciadas estão à fundamentação teórica adquirida no espaço universitário que subsidiou a elaboração de um projeto e sua efetiva aplicação na forma de intervenção pedagógica, desenvolvida no Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos – CEEBJA, na Cidade de Assis Chateaubriand. Durante a execução do projeto, buscou-se refletir, em conjunto com o corpo docente da escola, sobre as possíveis causas da evasão escolar nessa modalidade de ensino. Isto se deu por meio de atividades em um grupo de estudos que estabeleceu encontros semanais com temas selecionados que versavam sobre a educação, em seu aspecto amplo, e também a educação direcionada para a EJA. Nesse empreendimento se utilizou, como principais interlocutores teóricos, as contribuições de Paulo Freire, Álvaro Vieira Pinto, Vanilda Paiva e Moacir de Gois, entre outros. Destaca-se a positiva contribuição advinda da interação com o Grupo de Trabalho em Rede – GTR, na interação e socialização de experiências de professores de várias regiões do Estado do Paraná que também atuam na EJA. Esse somatório contribuiu com possibilidades de produções concretas, embasamento e aprofundamento teórico, numa busca conjunta entre os profissionais da educação com apontamentos para as possíveis causas e soluções quanto a problemática da evasão escolar nessa modalidade de ensino.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos; Educação Básica; Evasão Escolar; Direito a Educação; Evasão na EJA;

## Introdução

A Educação de Jovens e Adultos constituiu identidade própria após aprovação da LDB 9394/96, como modalidade de ensino, com especificidades educacionais diversificadas para atender adolescentes, jovens e adultos que não tiveram oportunidade de concluir o processo de escolarização em idade/série compatíveis. Refletindo sobre as especificidades e os objetivos que essa modalidade de ensino possui e, considerando as diferentes ações realizadas pelo corpo docente, equipe diretiva e agentes educacionais do CEEBJA do Município de

---

<sup>1</sup> Professora Graduada em Pedagogia pelo Centro Técnico Educacional Superior do Oeste Paranaense – CTESOP. Pós-graduada pela UNIVALE e Faculdade de Educação São Braz. Professora PDE 2016/2017. Professora Pedagoga do CEEBJA de Assis Chateaubriand-PR. Mestranda no Programa de Pós Graduação em Educação da UNIOESTE, Campus de Cascavel-PR. [solsoltomim@hotmail.com](mailto:solsoltomim@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professor orientador. Docente Adjunto do Colegiado de Pedagogia da UNIOESTE, Cascavel; Docente e Pesquisador do Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências e Educação Matemática (Mestrado e Doutorado) – PPGECM; Docente do Programa de Pós Graduação em Odontologia (Mestrado) – PPGO; Pesquisador no Grupo de Pesquisa HISTEDBR – GT da Região Oeste do Paraná. [marcoab\\_carvalho@yahoo.com.br](mailto:marcoab_carvalho@yahoo.com.br)

Assis Chateaubriand, Região Oeste do Paraná, percebi a necessidade de se pesquisar sobre a problemática da evasão escolar e como ela pode influenciar no processo de emancipação dos indivíduos que nessa unidade estudam e que tanto tem preocupado a grande maioria dos envolvidos com o processo educativo dessa escola.

O presente artigo foi organizado com a finalidade de exteriorizar as experiências e os estudos realizados durante o período de formação no Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, ofertado como formação continuada aos professores, pela Secretaria de Estado da Educação – SEED/PR, nos espaços universitários em interface com a escola pública. Também é objeto desse texto, relatar e discutir a experiência única vivenciada no processo de implementação do projeto de pesquisa na escola, tendo como objeto o CEEBJA da Cidade de Assis Chateaubriand, localizada na Região Oeste do Estado do Paraná.

Se partirmos do pressuposto de que é sempre necessário o desenvolvimento de pesquisas voltadas para se conhecer as raízes e os pilares que estruturam a educação brasileira, podemos assumir, sem sombra dúvidas, que um desses pilares que merece especial destaque, é também a educação de jovens e adultos. Neste contexto alguns importantes interlocutores contribuíram e um grande número tem continuado a promover pesquisas e a debater essa temática na atualidade.

Assim, elencar e destacar a contribuição de renomados pesquisadores da educação pública, em diferentes períodos de nossa história, é buscar enriquecer esse debate. Entre estes, reconhecidamente encontraremos a contribuição de Álvaro Viera Pinto, Vanilda Paiva, Moacir de Goes e, de forma especial, a contribuição de Paulo Freire. Estes, que se somaram a outros, são fonte inspiradora a se sonhar e lutar por uma educação voltada a potencializar com que homens e mulheres se compreendam como sujeitos no mundo e em interação com os outros do mundo. Logo, uma proposta educativa crítica para que homens e mulheres entendam melhor as tramas do mundo em que estão inseridos e debatam, lutem por sua melhoria.

Para tanto, com essa perspectiva, se elaborou um projeto em que se pensou realizar, por meio da formação de um grupo de pesquisa, em uma Escola Pública que trabalha com a EJA, estudos, discussões, reflexões que pudessem contribuir para que esse grupo, que seria composto pelo corpo docente e gestor da escola, se

aproximasse mais ainda dessa temática que não lhe é alheia por conta da atividade prática. O trabalho que seria realizado com esse seletivo grupo objetivava que pudéssemos: ao compreendermos melhor essa modalidade de ensino; o discurso que a cria; as condições materiais que a mantém; bem como a reflexão sobre quem são efetivamente esses alunos em um contexto social que parte do amplo para o restrito, a saber, para a realidade dos jovens e adultos do Município de Assis Chateaubriand; compreender melhor o porquê do crescente índice de evasão que ocorre nessa modalidade de ensino e, claro, propor ações de combate a essa triste constatação.

Os desdobramentos dos escritos nesse artigo podem proporcionar aos leitores, um espaço para percorrerem parte dos caminhos que fundamentam a educação de jovens e adultos, a formação do professor pesquisador, o compromisso com o trabalho educativo e a participação transformadora e politizadora do educador na sociedade. Ações que podem ser identificadas a partir do trabalho pedagógico desenvolvido nessa importante e significativa modalidade de ensino em nossa sociedade brasileira.

### **Para um início de conversa: um preâmbulo do vir a ser**

Objetivar o aprofundamento de um estudo sobre a modalidade de ensino EJA – Educação de jovens e adultos – é, por si só, um empreendimento no mínimo audacioso quando se dispõe de um espaço temporal reduzido. Entretanto, o que nos move a audácia? Para responder a essa questão busco na obra de um dos interlocutores que também contribuiu significativamente para esse empreendimento, Paulo Freire. Em seu legado encontraremos uma de suas máximas que nos diz que somos seres humanos cuja vocação é para o *Ser Mais*<sup>3</sup>. Esse conceito freireano, em síntese, nos ensina que nossa natureza humana está condicionada a uma permanente procura, uma busca constante do saber, fruto de uma curiosidade permanente.

Foi exatamente assim que me senti quando adentrei, em 2014, na oitava turma para cursar o Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE. Esse

---

<sup>3</sup> Para um maior aprofundamento desse conceito sugiro as obras: FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho D'água, 1995.; FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.; FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.; FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 27 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

sentimento foi frustrado uma vez que o início dos trabalhos que deveriam começar em 2015, não ocorreu. Os motivos para isso certamente servirão para mote de outras pesquisas. O ingresso efetivo no programa ocorreu somente em fevereiro de 2016 e minhas atividades de imersão nos estudos se deu junto ao grupo de professores da UNIOESTE. É exatamente nesse sentido que disse da sensação do *Ser Mais* freireano. A possibilidade de discutir sobre a EJA fora criada, e durante todo o ano de 2016 o fato de participar das discussões de disciplinas da área da educação de cunho geral e também específicas da área da Pedagogia, somando-se as leituras selecionadas e direcionadas pelo meu orientador, certamente fortaleceu ainda mais o desejo de aprofundamento sobre a temática.

Quando da elaboração do Projeto de Intervenção Pedagógica e, principalmente, da produção didático/pedagógica que ocorreram respectivamente em meados e no final de 2016, já provocavam um novo sentimento, a saber, a oportunidade de discutir com meus pares, sobre a EJA. Nesse momento já havia um acúmulo de leituras, discussões, planos de ação e a expectativa de poder interagir criticamente com meus colegas sobre esses saberes advindos da pesquisa, fizeram com que o início do ano letivo de 2017 fosse esperado com uma dose maior de ansiedade.

Contudo, penso ser pertinente registrar que esse retorno aos bancos universitários para participar desse importante e significativo projeto de formação continuada, requereu muita disciplina nos estudos. Nesse momento, foi importante refletir em uma frase atribuída a Florestan Fernandes, quando ele nos diz que para sermos cultos, não há como se fazer de conta, é necessário estudar mesmo. Essa frase foi trabalhada em um dos encontros das disciplinas da área da educação e o professor destacou que durante o PDE iríamos estudar muito. E como estudei.

Aliás, não posso deixar de dizer que, da mesma forma, as palavras de Paulo Freire (1982, p. 9) quando diz que “estudar é, realmente, um trabalho difícil. Exige de quem o faz uma postura crítica, sistemática. Exige uma disciplina intelectual que não se ganha a não ser praticando-a”. Essas exigências me cobrei e posso sim afirmar que criei minha disciplina intelectual que, com a contribuição de meus colegas de curso, professores de minha escola, dos diferentes professores da UNIOESTE com quem tive o prazer de trabalhar, um suporte teórico mais consistente que favoreceu a abordagem e o aprofundamento de minha temática.

Cabe ainda destacar que nessa imersão cultural a que o programa PDE nos levou, também é pertinente registrar a participações em palestras com renomados intelectuais da UNIOESTE e de outras Instituições de Ensino Superior. Houve também a participação no Seminário de Extensão Universitária – SEU, realizado no Campus de Francisco Beltrão. Ocorreram também os Seminários específicos do PDE, tanto na UNIOESTE em seus diferentes *Campis*, quanto nos espaços dos Núcleos Regionais de Educação com os técnicos da equipe pedagógica do NRE. Em meu caso esse trabalho ocorreu no NRE de Assis Chateaubriand.

Outro evento marcante ocorreu em outubro de 2016 no Campus de Foz do Iguaçu quando todos os professores do PDE apresentaram na forma de Banner comentado, seus projetos de pesquisa, em um evento chamado de Primavera Universitária que reuniu pesquisadores de diversas regiões do Brasil e também com a participação de pesquisadores de outros países. Foi de fato uma experiência rica e gratificante interagir com outros pesquisadores participantes do evento.

No segundo semestre de estudos de 2016, tivemos a formação tecnológica como subsídio para a preparação dos Grupos de Trabalho em Rede – GTRs, na plataforma *moodle*, do portal de educação do Estado do Paraná. A elaboração do material que posteriormente foi disponibilizado nessa plataforma virtual, ficando sob a responsabilidade de cada professor/PDE construir o seu material pedagógico, sob a ótica de sua temática. A implementação desse material foi efetivada no terceiro semestre, ou seja, no início do ano letivo de 2017.

O trabalho junto ao GTR proporcionou momentos importantes de reflexões sobre a evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos, com professores que também trabalham em escolas de EJA, de várias localidades do Estado do Paraná, no universo amplo que essa modalidade de ensino abarca. A interatividade *on line*, proporcionou a possibilidade de conhecer a especificidade da Educação de Jovens e Adultos em cidades de pequeno, médio e grande porte populacional. Essa incursão revelou que há também, em outras unidades da EJA, uma situação de evasão semelhante e as discussões foram pertinentes para nos instrumentalizar melhor para conhecer, refletir e ampliar o mote de pesquisas visando propor sugestões possíveis de mudança.

Esse rico somatório de trabalhos realizados, como disse, serviu consideravelmente para que eu tivesse maior segurança em propor a criação de um

grupo de estudos em que pudéssemos, em um período de 64 horas, sendo 32 horas na modalidade presencial, discutir sobre essa temática. Essa outra significativa experiência se mostrou como um desvelamento para o grupo de se dedicou às reflexões que estão descritas em parte nesse texto.

### **Relato de uma experiência iluminadora: a implementação**

O processo de implementação do projeto na escola foi acontecendo em vários e diferentes momentos. Desde a elaboração do projeto, foi consultada a gestão e os professores, colegas de trabalho na escola, quanto à viabilidade da pesquisa e como essa temática seria pertinente e viria ao encontro das necessidades da escola. Assim, o projeto foi levado para aprovação do Conselho Escolar, que deu o aval favorável, por compreender o quanto a temática se mostrava importante para ampliar pesquisas e consequentemente os conhecimentos em prol da educação nessa modalidade de estudos.

Inicialmente, imaginei que o projeto de implementação na escola teria como público alvo, no que diz respeito aos professores, aqueles que estavam em início de carreira, ou seja, professores com pouca experiência profissional na EJA. Esse profissional, em geral, corresponde aos professores contratados temporariamente e que assumem suas aulas nas APEDs – Ações Pedagógicas Descentralizadas, na área da abrangência do CEEBJA no Município de Assis Chateaubriand.

Entretanto, houve, nesse particular, uma triste e preocupante constatação. Os professores mais jovens, em termo de experiência com essa modalidade de ensino, aqueles a quem imaginava ser os primeiros interessados por discutirem a problemática da evasão na EJA, após insistentes convites a participarem do grupo que se formaria com esse propósito, demonstraram muito pouco e, em alguns casos, nenhum interesse em fazer parte dessa proposta de trabalho que, sem sombra de dúvidas, também os envolve diretamente.

Digo que essa constatação foi triste e preocupante pois nesse momento já estava refletindo alguns dos pressupostos do educador Paulo Freire e, em especial, aquele em que ele nos chama a atenção para uma necessidade basilar para o exercício de nossa profissão docente, a saber, a necessidade de sermos, nos tornarmos, eternos pesquisadores para podermos ser melhores professores. Ao

argumentar que esse processo de busca por uma formação mais sólida que um professor pesquisador pode desenvolver, Paulo Freire nos ensina que:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2001, p. 32).

Uma vez montado o grupo com aqueles professores que atenderam a provocação para dialogar e refletir sobre a temática, foi montado um cronograma de atividades. Esse grupo foi composto por 8 (oito) e nosso cronograma de atividades ficou compreendido entre os meses de março à junho de 2017. Um detalhe significativo para mim e cabe o registro, em especial por conta da citação freireana acima, é de que dos 8 (oito) participantes, 6 (seis) já haviam feito o PDE em turmas anteriores, o que me leva a concluir que, no limite da análise, o PDE pôde contribuir para que esses professores compreendessem a importância de se colocarem à disposição para serem cada vez mais, ou seja, para continuarem, enquanto professor pesquisador, em constante processo de busca, de aprendizagem.

As atividades propostas e desenvolvidas, tiveram importantes eixos de estudos, onde, o primeiro a ser amplamente discutido e tomado como pressuposto das discussões que viriam adiante, foi o de situar a educação em seus aspectos gerais. Nesse momento nos centramos em refletir sobre o caráter formativo da educação, em especial a educação escolar, para melhor compreendermos a função e o papel da educação na formação dos sujeitos que compõem a sociedade atual.

Entre as discussões cabe destaque para aquelas que nos levou a reflexão sobre o papel dualista da educação e, nesse caso, foi significativa a leitura de Brandão (1995), quando argumenta sobre o poder da educação em contribuir para a seleção dos indivíduos de uma determinada sociedade. Outra importante leitura foi discutida no grupo. Trata-se da afirmação do professor Álvaro Vieira Pinto (1991), de que “a educação diz respeito a existência humana em toda a sua duração e em todos os seus aspectos”, logo, podemos inferir que a educação é um “processo pelo qual a sociedade forma seus membros à sua imagem e em função dos seus interesses”. Ele acrescenta ainda que:



A finalidade da educação, não se limita a comunicação do saber formal, científico, artístico, etc. Esta comunicação é indispensável, está claro, porém, o que se intenta por meio dela é a mudança da condição humana no indivíduo que adquire o saber. Por isso a educação é substantiva, altera o ser do homem. A não ser assim, seria apenas adjetiva, mero ornamento da inteligência. O homem que adquire o saber passa a ver o mundo e a si mesmo deste outro ponto de vista. Por isto se torna um elemento transformador de seu mundo. **Esta é a finalidade essencial da educação.** (PINTO, 1991, p. 49 grifo meu).

As discussões que foram dinamizadas a partir dessa afirmação, nos levou a refletir sobre a quem interessa esse modelo de educação, ou seja, a educação está a favor de quem? Que modelo educativo pode realmente estar voltado para a formação de cidadãos críticos e emancipados, sabedores e defensores de seus direitos e deveres ou, simplesmente reprodutores de serviços e de ideias prontas para a conservação de uma elite dominante? Logo, o grupo foi levado a discutir como a EJA se situa nesse modelo educativo.

Novamente, a afirmativa de Pinto (1991), foi importante para entendermos a inter-relação presente na relação educação/sociedade.

Na verdade, o motor da educação está no interesse da sociedade em aproveitar para seus fins coletivos (sempre estabelecidos, nas sociedades divididas, pelas camadas dirigentes) a força do trabalho de cada um de seus membros (sua capacidade criadora). Por isso, a educação não é uma conquista do indivíduo (o que seria dar-lhe um fundamento ou princípio subjetivo) mas uma função da sociedade e como tal sempre dependente de seu grau de desenvolvimento. Onde há sociedade há educação: logo, esta é permanente. (PINTO, 1991, p. 39).

Encontramos também em suas reflexões uma argumentação que situa a nossa educação brasileira. Ele diz:

Todo o empenho de uma sociedade subdesenvolvida num esforço de crescimento, como a nossa, deve consistir em desenvolver seus fundamentos materiais para que estes se possa edificar numa educação adiantada, que reverterá em maior desenvolvimento destes mesmos fundamentos. (PINTO, 1991, p. 36).

Evidentemente que esse é o sonho de qualquer país subdesenvolvido, a saber, materializar as condições de acesso à educação para toda sua população e, claro, uma educação emancipadora. Portanto, podemos disso entender que se ao estado cabe ofertar as condições de acesso a uma educação de qualidade, cabe também aos membros dessa sociedade aproveitar a oportunidade oferecida.

Obviamente entendendo que essa afirmativa não ocorre como um processo linear pois há condições diferenciadas para os membros de qualquer sociedade.

Isso porque, em uma análise desprovida de criticidade, poderíamos argumentar que o fato de o estado criar a oportunidade de escolarização, inclusive discursando e usando argumentos de que ela é para todos, aqueles que não a adentram ou que dela se evadem, são, pura e simplesmente, os únicos culpados desses não acenderem, pela via da educação, a uma vida social mais digna por meio do trabalho (CUNHA, 1979). Aqui centramos forte discussão que nos levou a comentar e reconhecer o grau de dificuldade que os alunos da EJA encontram em manter-se na escola, uma vez que estes possuem, na materialidade de sua vida social, dificuldades que vão para além de simplesmente serem estereotipados como aqueles que ficaram anos afastados no processo educativo escolar.

Acrescentamos a essas discussões a afirmação freireana que nos diz que a educação “implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser sujeito de sua própria educação” (FREIRE, 2011, p. 34). Assim, a escola, qualquer que seja sua modalidade de ensino, o que inclui também a EJA, deve ser vista como um dos meios pelos quais homens e mulheres que não tiveram sequer acesso e muito menos a permanência no processo de escolarização, tido como regular, possam, como diz Freire e Macedo (1994, p. 7), “dar sentido e expressão às suas necessidades e vozes como parte de um projeto de *empowerment* individual e social”.

É sabido que na história da educação brasileira, muitas pessoas não conseguiram concluir seu processo de escolarização em idade e série compatíveis. Na ânsia de sanar graves lacunas na educação pública, tanto para àqueles que ficaram a margem da escola, isto é, sem condições para a ela terem acesso, seja para atender àqueles que dela se evadiram, foram criados mecanismos compensatórios que pudessem corrigir essas defasagens com a criação de vários projetos e ações para minimizar este cenário.

No bojo dessas iniciativas está a criação da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Objetivando conhecer melhor como ocorreu o processo de criação dessa modalidade de ensino no Brasil, concepções, objetivos, metodologias e especificidades de ensino, bem como as legislações vigentes que regulamentaram sua prática, foi necessária uma profunda imersão teórica nessa temática. “O que é a

EJA e o histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil”, foi o tema de um dos encontros do grupo.

Observamos e analisamos a precariedade do cenário educacional brasileiro principalmente no início do século XX, quando nossas desigualdades sociais eram imensas ao se comparar com as regiões Norte e Nordeste com o restante do território brasileiro. No bojo destas considerações, importantes aspectos merecem ser destacados sobre essas análises, em especial aqueles que identificam a EJA. Para tanto, a pesquisadora Vanilda Pereira Paiva (1987), faz importantes registros sobre as mobilizações em prol do que ficou conhecido como educação popular e que culminou, entre outras ações, com a criação da EJA.

Entende-se por educação popular, frequentemente, a educação oferecida a toda a população, aberta a todas as camadas da sociedade. Para tanto, ela deve ser gratuita e universal. [...] educação para todos, como instrumento que fizesse possível uma sociedade aberta onde vencessem os mais capazes, independentemente de sua origem social, [...] defendeu-se a extensão da educação elementar a maiores parcelas das “camadas populares”. [...] de início, a educação dos adultos está tratada em conjunto. Ela é parte da educação popular [...]. (PAIVA, 1987, p. 46).

Para levarmos a cabo uma incursão aos primórdios da EJA e que essa não fosse marcada somente pelos registros históricos de sua criação e sim por uma análise crítica, fizemos uma interlocução com teóricos e pesquisadores dedicados ao estudo da educação pública brasileira. Dentre esses estão alguns dos principais intelectuais brasileiros como Anísio Teixeira, Paulo Freire, Vanilda Pereira Paiva, Álvaro Viera Pinto, Luiz Antonio Cunha, Moacir Gadotti, Dermeval Saviani que subsidiaram as discussões sobre o processo de constituição da EJA.

Essa predisposição em interagir com as obras desse seleto grupo de intelectuais nos levou a organizar um dia específico de trabalho no grupo para que pudessemos conhecer, com um pouco mais de profundidade, a obra de pelo menos um desses. O escolhido foi Paulo Freire. A temática preparada para aquele encontro foi “Principais interlocutores da EJA e o Legado de Paulo Freire para a Educação de Jovens e Adultos”. Nesse dia se apresentou algumas das principais obras dos demais intelectuais, mas o destaque foi para aquele que, sem sombra de dúvida, não somente no Brasil, mas em esfera mundial, foi Paulo Freire quem associou seu nome e sua proposta educativa àqueles que ficaram à margem da educação regular.

Sua proposta educativa visava uma alfabetização crítica, potencializadora de homens e mulheres entenderem melhor as tramas do mundo em que estão inseridos e lutarem por sua melhoria. Uma marca de seu trabalho inicial está justamente ligada à educação daqueles a quem chamou de oprimidos, jovens e adultos que não puderam ingressar ou continuar seu processo educativo escolar por motivos diversos.

Paulo Freire colocou o oprimido em condição de ascensão. Para ele, a aprendizagem e o conhecimento vão muito além do acúmulo de saberes científicos, da decodificação de palavras para serem apreendidos e limitados à escola. Esse acúmulo de saberes, para ele, devem servir para a compreensão do mundo mais imediato, ou seja, para uma leitura de contexto cada vez maior.

Documentários foram disponibilizados aos professores cursistas, que retrataram a sua vida e parte de suas obras. Foram suscitadas várias reflexões sobre suas ideias e como essas podem ganhar forma na modalidade de ensino que é desenvolvida para a EJA. De forma especial, se deu destaque para a necessária formação e formação continuada para os professores que se dedicam prioritariamente a trabalharem nessa modalidade de ensino.

Cabe registrar que o grupo também discutiu, de posse de um arcabouço teórico, ainda que pequeno da contribuição freireana, como a EJA foi modificando-se, ajustando-se desde seus moldes iniciais de atendimento até chegar a LDB 9394/96, e com se apresenta como modalidade de ensino no CEEBJA de Assis Chateaubriand. Para tanto, analisamos o discurso presente em seu Projeto Político Pedagógico:

É característica dessa Modalidade de Ensino a diversidade do perfil dos estudantes, com relação à idade, ao nível de escolarização em que se encontram, à situação socioeconômica e cultural, às ocupações e a motivação pela qual procuram a escola. Os estudantes são adolescentes, jovens e adultos, com idade bastante variada. Desse grupo fazem parte estudantes inclusos da educação especial, menores em cumprimento de medidas socioeducativas, estudantes trabalhadores que não tiveram acesso à escolarização na idade própria ou não tiveram possibilidade de continuar seus estudos por tais razões: disparidade idade-série, necessidade de trabalhar, desinteresse pelos estudos, repetências sucessivas por não adaptação às práticas escolares, ausência de estímulo ao processo de escolarização, desavenças entre professor/aluno, casamento prematuro, gestação na adolescência, evasão escolar e condição sociocultural. (PPP, 2017, p. 13).

Por esse discurso podemos observar que é oportunizado, por essa unidade EJA, ao aluno que a ela regressa, uma devotada atenção especial que leva em conta determinadas particularidades que não somente a sua idade, mas há uma demonstração de atenção e respeito às suas experiências de vida. Logo, podemos inferir que o discurso acena para uma valorização dos saberes que estes possuem ao retornarem aos bancos escolares. Também fica evidente a necessidade dos professores se prepararem para a atuação com um contingente de alunos oriundos de contextos sociais diversificados e, em muitos casos, marginalizados. Conseqüentemente, é também possível inferir sobre a necessidade de um acolhimento caloroso a esse aluno desde seus primeiros contatos com a EJA.

Essa valorização do saber que trazem, o pleno acolhimento de todo o corpo docente, gestor e demais funcionários é decisivo para que esses alunos possam sentir-se motivados a frequentar e, principalmente, na continuidade dessa relação especial, não se evadir da escola. Aqui cabe destacar que professores e funcionários dessa unidade vão a campo em busca desses alunos. Um exemplo disso é que se faz uma panfletagem em diversos bairros da cidade de Assis Chateaubriand, em outros municípios e distritos circunvizinhos, convidando esse contingente a virem para a EJA. Destaque também para o efeito que essa ação produz nos professores que é a de melhor conhecer a realidade social desses alunos.

Uma vez iniciado seus estudos, cabe destacar o comprometimento dessa unidade escolar em utilizar o trabalho pedagógico diário, no conjunto de todas as disciplinas curriculares ofertadas, o compromisso educacional e, porque não dizer, social, de fazer o máximo para que os alunos não abandonem essa nova oportunidade de seguirem seus estudos e derivarem deles a oportunidade de seu empoderamento, de sua emancipação no sentido de se compreender como sujeito integrante do mundo e de suas tramas.

É certo que, com o perfil que os alunos trazem e levando em conta sua faixa etária, a problemática da evasão escolar se constitui um dos grandes desafios contemporâneos para CEEBJA de Assis Chateaubriand. É também certo afirmar que essa comunidade escolar tem buscado freneticamente solucionar esse problema por aprofundar seus conhecimentos e apontar possíveis soluções, para se contrapor a uma postura fatalista que invade nossa educação pública na atualidade, a saber,

aceitar e reproduzir o discurso que a evasão escolar é uma triste realidade e temos simplesmente que aceitá-la.

Assim, é fato que mesmo diante de inúmeras ações voltadas ao combate à evasão escolar, ainda constatamos um índice considerável de alunos evadidos. Analisando e refletindo muito sobre essa problemática, chegamos a várias conclusões, dentre elas o motivo o índice de evasão escolar também modificou-se, inicialmente, as pessoas adultas que se evadiam da EJA, em sua maioria era por problemas de saúde, trabalho, família, entre outros.

Nos dias atuais, são os adolescentes e jovens que se evadem da escola por motivo de trabalho, saúde, gravidez precoce entre outras. Entretanto, é importante destacar que outra problemática está sendo observada atualmente no CEEBJA que é o quantitativo de adolescentes em conflito com a lei e que, na sua grande maioria, fazem uso de drogas.

Pelo fato de serem alunos menores de dezoito anos e que já estão em idade/série defasadas nas escolas seriadas do Ensino Fundamental, seu ingresso na educação de jovens e adultos é uma realidade. Por vezes, esse momento é aguardado ansiosamente pela escola de origem e quando esse aluno atinge a idade mínima para ingressar na EJA, recebe o “convite” da escola de origem para fazer de imediato sua transferência.

Quando a matrícula desse aluno é efetivada, as primeiras ações que envolvem sua acolhida na Educação de Jovens e Adultos, são realizadas com seus responsáveis legais e tendo como interlocutores dessa instituição de ensino, a equipe diretiva e pedagógica. É perceptível que esses adolescentes tentam reproduzir as ações “*intimidadoras*”, trazidas de suas experiências vivenciadas na escola de origem, para então garantir seu “*status*” de aluno indisciplinado e por vezes violento.

O processo de adaptação de grande maioria dos alunos menores de dezoito anos nessa nova modalidade de ensino, é bastante demorado. Suas “*idas e vindas*” são constantes, por isso, o trabalho pedagógico realizado no CEEBJA, também foi se modificando e se adaptando a essa nova concepção e perfil dos alunos.

Em consequência a essas transformações que a educação de jovens e adultos sofreu desde seu processo de criação, a formação profissional dos professores que trabalham na EJA também se fez necessária. No entanto, muitos

professores que conseguem trabalho nessa modalidade de ensino são profissionais recém-formados, sob o regime de contratação do Processo Seletivo Simplificado – PSS. Eles, possuem a formação acadêmica básica, para o exercício inicial da carreira profissional.

Há grande necessidade de formação específica para o trabalho na EJA, visto que os cursos de graduação possuem em sua maioria, disciplinas que trabalham essa temática de forma geral. A possibilidade de participação do professor em cursos de formação continuada no exercício de sua função é, garantida através de grupos de estudos, como este do PDE. Porém, é fundamental o envolvimento profissional do professor, que deseja proporcionar aos seus alunos de EJA um processo de ensino e aprendizagem condizentes com as necessidades e especificidades dessa modalidade de ensino.

Como bem afirma Moacir Gadotti (2007), em sua obra sobre a profissão de professor e a formação continuada, seja imprescindível para sua construção pessoal e profissional e a importante atuação como agente de transformação na sociedade:

A formação do profissional da educação está diretamente relacionada com o enfoque, a perspectiva, a concepção mesma que se tem da sua formação e de suas funções atuais. Para nós, a formação continuada do professor deve ser concebida como reflexão, pesquisa, ação, descoberta, organização, fundamentação, revisão e construção teórica e não como mera aprendizagem de novas técnicas, atualização em novas receitas pedagógicas ou aprendizagem das últimas inovações tecnológicas. (GADOTTI, 2007, p. 5).

É importante a retomada das reflexões sobre algumas situações desestimulantes que contribuem significativamente para a evasão escolar na EJA, basta lembrar que no trabalho com os conteúdos curriculares. O professor poder ser sim, um estimulador da continuidade ou não dos alunos dessa modalidade de ensino. conteúdos descontextualizados, com metodologias carregadas de vícios, em especial de autoritarismo, certamente são ações que em nada contribuem para a continuidade dos alunos que cursam essa modalidade de ensino.

Nesse aspecto, é oportuno lembrar o que Paulo Freire fala sobre o autoritarismo do professor. Para ele, o autoritarismo não se manifesta somente por ações repressivas do professor, mas, diz ele, pode estar presente na “vigilância doentia sobre os educandos, na falta de respeito à sua criatividade, à sua identidade

cultural. Na falta de acatamento à maneira de estar sendo dos alunos das classes populares, na maneira como os adverte e censura.” (FREIRE, 1995, p. 72).

Para aproximar novamente o professor dos espaços da universidade, foi organizado juntamente com a coordenação do PDE/Cascavel, uma Mesa Debatedora com vários docentes da Unioeste/Cascavel, responsáveis também pela formação dos professores PDEs, objetivando o contato dos professores que trabalham na rede estadual de educação e participantes dos grupos de estudos da Implementação Pedagógica, com o universo acadêmico. Para então, incentivar os profissionais da educação na retomada ou continuidade de seu processo de formação quanto pesquisadores.

Contudo, as reflexões, as contextualizações sobre teorias e práticas docentes realizadas durante o período de implementação da produção didática na escola somaram-se para a articulação dos processos de ensino e aprendizagem dos alunos de EJA.

### **Considerações finais**

As atividades concluídas nesse trabalho, fruto da minha participação como professora PDE na turma 2016-2017, proporcionaram a vivência de muitas experiências, até então inéditas para mim. Nelas, pude aprofundar meus conhecimentos sobre a Educação de Jovens e Adultos e ser provocada, inclusive, a alçar voos maiores em busca de compreender-me melhor como uma profissional comprometida com a educação.

Cabe dizer, inclusive como reconhecimento e agradecimento, que cursar o programa PDE do Estado do Paraná, um programa de formação continuada de professores que é, se não a única, experiência existente no território brasileiro, em que o professor assume a posição de pesquisador em tempo integral, de sua escola, de sua própria prática docente. Esse refletir o espaço escolar público e, principalmente nossa ação docente, constituiu-se para mim, como um “*reabastecimento*” teórico e fortalecimento de minhas convicções profissionais e, porque não, também de minhas realizações pessoais.

Inicialmente o projeto proposto para a implementação na escola foi pensado em apenas um recorte, da ampla diversidade de temáticas que a EJA possui. Compreendendo que era necessário refletir, fundamentar-se teoricamente para



consequentemente poder apontar possíveis soluções para as causas da evasão escolar vivenciada dentro do CEEBJA de Assis Chateaubriand, montou-se um arcabouço investigativo que me levou a um enriquecimento teórico, não somente sobre a EJA e sua evasão, mas oportunizou a interlocução com ilustres educadores brasileiros.

Com a proposição de reunir o maior número de professores possível, que exercem sua profissão nessa modalidade de ensino, foi criado o grupo de estudos sobre a temática da evasão escolar que, certamente veio ao encontro com nossas experiências vivenciadas dentro dos espaços escolares, no exercício de nossa profissão. Com esse somatório, acrescido da interação com outros professores via rede (GTR), pude, e acredito que esses interlocutores também, fortalecer nossas “raízes” e convicções educativas sobre a EJA.

Após dois anos de muito estudo e diante do que foi realizado e apresentado até aqui sobre a temática da evasão escolar, é perceptível que ainda há muito que ser estudado para se aproximar das devidas e possíveis conclusões sobre as principais e reais causas dessa problemática, pelo fato da dinamicidade no processo educacional que envolve a Educação de Jovens e Adultos. A EJA abarca questões sociais, políticas, econômicas, comportamentais, afetivas e muito mais amplas do que se pensa. Isso, por si só, requer aprofundamento nos estudos e reflexões teóricas ainda mais complexas. O que não seria possível realizar em sua plenitude num espaço temporal de apenas dois anos, exatamente o período de duração do PDE.

Ao concluir essa importante etapa de formação pessoal que o PDE me proporcionou, senti o desejo de continuar meus estudos, para me tornar realmente uma pesquisadora da educação da Educação de Jovens e Adultos, sua especificidade nas articulações entre os processos teórico/metodológicos e quanto ela contribuiu e pode vir contribuir para a diminuição dos índices estatísticos sobre o número de pessoas que ainda não tiveram acesso ao processo de escolarização e conclusão da educação básica no município Chateaubriandense.

Foi certamente através do PDE e da fundamentação teórica que este proporcionou, que passei pelo processo de seleção do Mestrado em Educação na UNIOESTE/Cascavel, na linha de Educação, Políticas Públicas e Estado, garantindo que minha formação pessoal como professora e pesquisadora seja fortalecida ainda

mais. Há que se registrar, que o ingresso a esse programa foi exatamente com um projeto em que propus continuar a investigar a EJA, agora, com a proposta de estudar a constituição histórica da EJA no município de Assis Chateaubriand, com recorte temporal de 1966 a 2017. Claro, não posso negar! a alegria da continuidade de meus estudos no *strictu senso* junto à UNIOESTE, é ainda mais radiante uma vez que estou conhecendo melhor essa modalidade educacional no Município em que nasci, onde estudei as primeiras letras, onde resido com meus amores, onde me identificam e, com orgulho, me identifico, sou sim, uma professora da EJA.

## Referências

BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação**. 33 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CUNHA, Luis Antonio. **Educação e desenvolvimento social no Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade: e outros escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

\_\_\_\_\_, **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_, **Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo**. Paulo Freire; Donald Macedo. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

\_\_\_\_\_, **Á sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho D'água, 1995.

\_\_\_\_\_, **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 5 ed. Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

\_\_\_\_\_, **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 2001. (Coleção Leitura)

\_\_\_\_\_, **Educação e Mudança** / Paulo Freire; prefácio Moacir Gadotti; tradução Lilian Lopes Martin. – 34 ed. ver. e atual. – São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo; FAGUNDEZ, Antônio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar** / Moacir Gadotti. – 1 ed. – São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação Popular e Educação de Adultos**/ Vanilda Pereira Paiva. Temas Brasileiros – II. Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES), São Paulo: Edições Loyola: 1987.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete Lições sobre Educação de Adultos**: introdução e entrevista de Dermeval Saviani e Betty Antunes de Oliveira: versão final revista pelo autor. – 7 ed. – São Paulo: Cortez: Autores Associados. 1991. (Coleção Educação Contemporânea).

PPP/CEEBJA. – Assis Chateaubriand, 2017. (versão preliminar)

Acesso em: 06/08/2017

<<http://www.asdceebjaassischateaubriand.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/4/200/47771/arquivos/File/pppceebja.pdf>>